

IDENTIDADE, CORPO E ESPAÇO NO ROMANCE *ALGUM LUGAR* DE PALOMA VIDAL

IDENTITY, BODY, AND SPACE IN THE NOVEL *ALGUM LUGAR* WRITTEN BY PALOMA VIDAL

Loiva Salete Vogt¹

RESUMO: O artigo apresenta uma reflexão sobre a constituição identitária da protagonista de *Algum Lugar* (2009), romance de Paloma Vidal, na relação entre o espaço-corpo feminino e o seu deslocamento pelo espaço geográfico. A primeira parte aborda a necessidade de mobilidade geográfica, no romance, que reflete a busca por uma identidade sempre em processo de integração com o espaço externo ao corpo. Teóricos como Pierre Bourdieu (1990) e Zygmunt Bauman (2003) conceituam o espaço na Modernidade como um lugar de passagem e auxiliam a demonstrar como a sensação de não-pertencimento a lugar algum em meio a uma necessidade de construção identitária estão diretamente relacionados à percepção da interação social e integração com o espaço geográfico na obra. Portanto, a segunda parte apresentará conexões entre a memória afetiva da protagonista, o espaço das cidades em que passara e o representativo uso das diversas línguas mencionadas na obra. A conclusão retoma as questões elencadas, enfatizando a construção de uma identidade fluida pela protagonista, marcada pela mobilidade espacial e pelo constante processo de mudança.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; deslocamento; espaço-corpo; não-pertencimento.

ABSTRACT: The article presents a reflection about the identity construction of the protagonist of *Algum Lugar* (2009), novel written by Paloma Vidal. It is analyzed based on the relation among the feminine space-body and the constant displacement experienced through geographic space. The first part shows the geographic mobility as a necessity in the novel which reflects a search for an identity that is always in a process of integration with the external space beyond the body. Theorists such as Pierre Bourdieu (1990) and Zygmunt Bauman (2003) conceptualize space in Modernity as a place of passage. They help to demonstrate how the sense of non-belonging anywhere and the necessity to build identity are directly related to the perception of social interaction and integration to the geographic space in the novel. Therefore the second part will present connections among the protagonist's affective memory, the space of the cities she passed and the representative use of the different languages mentioned in the

¹Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil. Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil, com período sanduíche na University of Massachusetts – Estados Unidos da América. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Brasil. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-7984-6962>. Email: loiva.vogt@feliz.ifrs.edu.br.

novel. The conclusion summarizes the issues listed, emphasizing the construction of the protagonist's fluid identity marked by social mobility and the constant process of changing.

KEYWORDS: identity; displacement; body-space; non-belonging

1 INTRODUÇÃO

Pierre Bourdieu (1990) em “Espaço Social e Poder Simbólico” nos alerta a respeito do poder das palavras na criação de nosso espaço social. Algo só passa a existir quando é reconhecido (p. 166-167) em um processo que envolve a legitimação de memórias a respeito da afetividade e dos laços estabelecidos com os lugares pelos quais passamos. Esses laços tornam-se fugazes de acordo com Zygmunt Bauman (2003). O sociólogo polonês salienta que a modernidade líquida afetou as relações humanas que se tornaram superficiais, baseadas em conexões temporárias entre pessoas e sua relação com os espaços sociais.

Nesse contexto, ao analisar as lembranças referentes aos lugares de passagem que tecem a memória da protagonista em *Algum Lugar* (VIDAL, 2009), o presente artigo busca investigar entrelaçamentos entre a projeção do corpo e da cidade como representações de espaço na obra. Memórias, deslocamentos, construções identitárias fragmentadas, o ritmo acelerado das cidades, a indiferença, o estranhamento e o trauma são temáticas encontradas nas obras de Paloma Vidal. A escritora foi semifinalista do prêmio São Paulo de Literatura em 2010 com o romance *Algum Lugar*. Sua nacionalidade é argentina, porém, viveu a maior parte de sua vida no Brasil, tendo iniciado sua carreira literária com a publicação de livros de contos: *A duas mãos* em 2003 e *Mais ao Sul* em 2008. Vidal participou das antologias *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* e *Paralelos: 17 contos da nova literatura brasileira* em 2004, além de publicar *A visita* em 2005. Atualmente é tradutora de espanhol e professora de Teoria Literária na Universidade de São Paulo.

Algum Lugar (VIDAL, 2009) convida o(a) leitor(a) a refletir sobre a percepção do espaço projetado na narrativa como influenciador na construção

de sujeito da protagonista. É uma mulher que busca por um lugar de pertencimento, na medida em que evidencia a construção de sua identidade a partir de espelhos sociais. Porém, essa construção mostra-se problemática, em constante estado de deslocamento e inadequação. A protagonista vive a necessidade de deslocamento geográfico e mostra o sofrimento causado pela constante inadequação em sua relação com o seu corpo, o espaço social e o geográfico. A obra inicia com a narração da sua chegada ao aeroporto de Los Angeles.

Segundo Bauman (2003), a modernidade líquida é uma época em que são frágeis as relações entre pessoas e os espaços sociais que elas ocupam. Nesse sentido, a modernidade é produtora de não lugares como aeroportos, rodovias, rodoviárias em que as pessoas estão de passagem. Esses espaços não permitem a construção de uma memória histórica, nem de laços afetivos. A cidade de Los Angeles também é descrita nesses termos, projetada para que as pessoas não sejam vistas como indivíduos, apenas como parte de uma engrenagem maior. Segundo Lotman: “a cultura organiza a si mesma em uma determinada forma espaço-temporal, e não pode existir fora dessa organização” (2016, p. 246). De acordo com esse pensamento, é possível observar que a cidade de Los Angeles é descrita com sua organização própria:

Supostamente, qualquer um poderia circular em qualquer lugar, mas não: [...] À medida que vamos nos aproximando de Downtown, tudo fica menos homogêneo: negros, orientais, árabes, os prédios novos e os antigos, mal preservados, as lojas de departamento e os museus, [...] De uma ponta à outra da avenida, as diferenças são evidentes, mas tudo se passa com naturalidade, como uma coisa que necessariamente leva a outra (VIDAL, 2009, p. 21-22).

O trecho citado evidencia a segmentação da cidade em espaços relacionados à classe social e etnia. As percepções em relação ao ambiente informam sobre a exclusão da protagonista que descreve o ambiente de modo

alienado, como quem assiste à televisão. Em Los Angeles, será tratada como uma estrangeira, uma passageira, uma *outsider*. Expressa seu descontentamento e seu sentimento de desconexão ao mencionar: “Nunca compartilhei com minha mãe a vontade de conhecer lugares novos. Por que viajar? Onde minha mãe via desafio, para mim havia só retração; pessoas que jamais conheceria, línguas que não entendia, paisagens opacas” (VIDAL, 2009, p. 26). O deslocamento geográfico representa, portanto, uma ameaça da exclusão e não um desafio.

A seguir, revela que nasceu na Argentina e cresceu com sua mãe no Brasil, sem forte pertencimento ao país de origem. Apesar do sentimento de receio em relação a morar nos Estados Unidos para escrever sua tese, parte do Brasil para o estrangeiro em voo separado do seu namorado, o que é por ela interpretado como um sinal do futuro afastamento: “A decisão de irmos em voos separados me parecerá um primeiro passo em falso” (VIDAL, 2009, p. 16).

Na tentativa de construir uma identidade própria e de se situar em meio ao local onde vive, busca pontos de apoio e referência, fazendo um mapeamento do espaço. Segundo Lotman, “o mundo externo [...] para se tornar um fato da cultura, é submetido à semiotização: dividido em objetos que significam, [...] aqueles que possuem sentido e em objetos que não representam nada além de si mesmos” (2016, p. 247). Nesse sentido, na Universidade, encontra uma pequena sala no subsolo em que pode estudar. Lá dispõe de um computador barulhento, um sofá com pulgas e, eventualmente, da companhia da amiga coreana Luci. Ao referir-se ao cômodo, expressa: “será meu lugar” (VIDAL, 2009, p. 49) em uma primeira tentativa otimista de adequação e conexão ao espaço.

2 O CORPO, O ESPAÇO SOCIAL E GEOGRÁFICO

A importância do espaço como representação simbólica é tal na obra que a protagonista conclui: “Constato que se não tenho um espaço meu do lado de

fora, meus pensamentos não me pertencem” (VIDAL, 2009, p. 21). Ao sentir a necessidade de deslocamento para o exterior, menciona a imagem sedutora exercida pela nova cidade. Imagina as sensações que serão provocadas durante sua estadia em uma cidade utopicamente acolhedora: “[...] me fará abrir a janela para me entregar à paisagem transparente que a cidade oferece, seduzindo-me com uma familiaridade simulada, [...] Deixarei que ela me seduza com sua geometria cinematográfica” (VIDAL, 2009, p.26).

O uso dos tempos verbais no futuro do presente indica uma promessa de futuro, não um tempo presente concreto. Desse modo, ao qualificar a cidade como apresentando uma “familiaridade simulada”, alerta o(a) leitor(a) em relação ao jogo de aparências de um lugar que será personificado na narrativa. No universo de aparências e simulações, pessoas e espaços fundem-se. A protagonista, ao decepcionar-se com a cidade, projeta-a como antagonista.

A cidade de Los Angeles como uma entidade viva vai indicando que não quer ser compreendida, nem conquistar ninguém. Como o aeroporto, a cidade também passa a ser experimentada como um lugar de passagem por um corpo em estado de inadequação frente a ela: “A calçada ainda não faz nenhum sentido, pois a rodovia não foi feita para ser percorrida a pé” (VIDAL, 2009, p. 19). A organização do espaço em Los Angeles pressupõe que as pessoas vejam a cidade a partir da janela de seus veículos, assistam à cidade em sua irrealidade. É descrita como um local para ser apreciado pela vista e não atravessado a pé. Embora a protagonista sinta-se seduzida pela cidade, reconhece que qualquer sinal de familiaridade que buscava ao chegar será, portanto, falso e simulado.

No plano de fundo da narrativa aparecem distâncias sociais inscritas no espaço-corpo da cidade. Em determinados momentos, a narradora representa o olhar externo sobre a periferia. Segundo Pierre Bourdieu, “a visão que cada agente tem do espaço depende de sua posição nesse espaço” (1990, p. 157). Seu espaço de sujeito, nesse contexto, apresenta um privilégio de classe social,

evidenciado no momento em que narra a manifestação de indignação vivida por uma mulher no ônibus em relação ao preço da passagem:

No último banco, uma mendiga vestida com várias camadas de roupa carrega um amontoado de objetos [...] Há vários *homeless* como ela nas redondezas do apartamento. Nossa vizinha colombiana nos contou que muitos são veteranos de guerra, pessoas que não conseguiram mais se integrar quando retornaram; não conseguiram um trabalho ou não foram acolhidas pela família ou talvez decidiram se afastar de um mundo do qual não faziam mais parte [...] A maioria são negros [...] Ela continua falando sobre o preço da passagem, repete várias vezes “*five dollars*”, com indignação, em seguida: “*I’m an old woman*”. Entre as frases, intercala socos no vidro com o punho fechado. Cada vez que ela bate, o motorista reclama dizendo “*that’s enough*”. Ela não se abala. Não o ouve ou finge que não o ouve. A situação não chega a ser tensa. Parece haver um acordo: nem ela bate muito forte, nem ele grita. Os outros passageiros não se intrometem [...] faço parte desse microcosmo provisório como uma estátua viva (VIDAL, 2009, p.28- 29).

A posição da narradora é a de quem observa sem intrometer-se, pois o preço da passagem não interfere em sua vida. Há o distanciamento de quem observa sem o estabelecimento de uma relação de vínculo. A protagonista destaca sua posição de quem está de passagem, ou seja, aceita o papel que lhe é imposto pela cidade. Segundo Michel Foucault, “vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos” (2001, p. 414). Nesse sentido, a posição de não-pertencimento da protagonista não permite que interfira na organização social.

A mendiga descrita é símbolo da opressão social frente a um grupo economicamente excluído: “Várias pessoas numa só” (VIDAL, 2009, p. 29). Bate no vidro do motorista reclamando do preço da passagem e o motorista pede que ela pare. Os demais passageiros não se intrometem. Cada um está solitariamente preso ao seu papel, como em uma peça teatral. Nenhuma palavra, nenhum gesto farão diferença alguma. Não há sentimento, nem abalo,

a voz da mulher não será ouvida. “Os adolescentes continuam conversando e em alguns momentos, as vozes deles cobrem a da mulher” (VIDAL, 2009, p.29). E a protagonista apenas assiste como quem vê a partir da televisão, ou, em suas palavras: “como uma estátua viva” que não tem autorização de interferir, pois não pertence ao lugar e ele não lhe pertence. Por outro lado, a sua existência também é imperceptível: há a nítida impressão de que ninguém se importa. Percebe-se como invisível, mas também está protegida em sua condição de passageira. Segundo Pierre Bourdieu, “as pessoas muito afastadas no espaço social podem se encontrar, entrar em interação, ao menos por um breve tempo e por intermitência, no espaço físico” (1990, p. 153). Apesar desses breves contatos, seu isolamento fica cada vez mais evidente. “As distâncias sociais estão inscritas nos corpos, ou, mais exatamente, na relação com o corpo, com a linguagem e com o tempo” (BOURDIEU, 1990, p.155). Os corpos das pessoas que observa tornam-se parte da paisagem.

Ao voltar ao Rio de Janeiro para ser mãe permanece em conflito com seu próprio corpo e com a experiência da maternidade. Anseia por conexão entre o espaço externo e a materialidade de seu corpo para dizer a si mesma sobre o sentido de sua existência. Sua identidade permanece fluida, provisória. Mais tarde, tenta uma volta ao seu passado ao levar seu filho para conhecer Buenos Aires, onde encontra um cinema chamado “Los Angeles” que lembra a cidade homônima e remete a um vagar por entre espaços sobrepostos, paradoxalmente conectados e também dispersos. É o espaço da memória e das lembranças que voltam ao presente.

Os percalços e decepções da cidade de Los Angeles, a gravidez descoberta na volta ao Brasil, a maternidade, sua relação com as mudanças em seu corpo e com o afastamento de seu namorado remetem ao capítulo final, em que, junto ao seu filho, no cinema em Buenos Aires assiste ao filme “O Patinho Feio”, metáfora de sua experiência de inadequação, o que remete também ao epíteto com o enunciado de Silvina Ocampo: “Se llega a un lugar sin haber

partido de outro, sin llegar” (VIDAL, 2009, p.9). O enunciado remete à percepção da protagonista em relação à fluidez das supostas fronteiras que ficam diluídas na percepção do espaço externo ao corpo que ou torna-se interno, ou não há possibilidade de formação identitária. Ou seja, carregamos em nossa identidade as marcas deixadas pela percepção dos espaços geográficos pelos quais passamos. Esses espaços são percebidos como sobrepostos na constituição identitária, sem fronteiras definidas e com temporalidades múltiplas.

Um dos principais mecanismos da individualidade semiótica é a fronteira, que pode ser definida como uma linha que encerra uma periodicidade. Esse espaço é definido como “nosso”, “próprio”, “cultural”, “seguro”, “harmonicamente organizado” [...] A ele é oposto “o espaço deles”, “alheio”, “hostil”, “perigoso” e “caótico”. Toda cultura começa com a divisão do mundo em espaço interno (“seu próprio”) e externo (“deles”) (LOTMAN, 2016, p. 243).

No romance, o espaço interno é representado pelo corpo da protagonista, um corpo que ela sente desaparecer na medida em que passa a ser ignorada pelo companheiro e pela cidade. Passa a assistir à sua metamorfose: aos poucos transforma-se em ausência. Ao desconectar-se do espaço externo, ao tornar-se invisível, teme seu efetivo desaparecimento. Fala de si em terceira pessoa:

Um medo difuso, sem imagem, toma conta do seu pensamento. Seu corpo fica reduzido a um grão, um ponto ínfimo que poderá a qualquer instante desaparecer. Sente que se perde entre os lençóis, como um balão que em um segundo se esvazia, e tem que apalpar as pernas, os braços, a barriga para se certificar de que ainda existe. Mas a imagem mental de seu desaparecimento não se resolve nessa comprovação física; de olhos fechados, a sensação remete de novo. Mais uma vez comprova a materialidade dos seus membros e mais uma vez tem certeza de que está desaparecendo (VIDAL, 2009, p. 51).

Ao sentir a necessidade de incorporar o mundo exterior, busca acolhimento nas cidades que são descritas como imateriais, heterotopias de desvio² frente a uma identidade em crise existencial. Não somente Los Angeles, mas também o Rio de Janeiro passa a ser percebidos como ambientes estranhos, imateriais, com imagens em movimento:

O Rio é uma sombra que de vez em quando vejo passar, como uma nave sobrevoando a cidade. Os pontos de comparação são poucos, só a praia na verdade, que ainda assim é diferente demais, mas me sinto tentada a sobrepor uma geografia sobre a outra como para medir o grau do meu deslocamento ou forçar uma adaptação necessária (VIDAL, 2009, p. 29).

A necessidade de pertencimento pode ser interpretada como um desejo de estar em um lugar seguro, de acolhimento, ao mesmo tempo em que denuncia uma condição culturalmente imposta e associada ao feminino representada pela falta, pela incompletude, pela necessidade de conexão a um outro espaço para além do corpo individual. Sua existência está condicionada ao fato de ser, ou não, percebida enquanto corpo, presença física e consciência, num processo de interação com o meio. Está fisicamente presente no apartamento, pois percebe os constantes pedidos de isolamento do namorado. No entanto, a protagonista é incapaz de compreender a situação, já que concebe o isolamento como sendo o maior problema.

Volta-se assim para Luci: “Como Luci insiste, compartilhamos alguma coisa [...] é algo mais afetivo, uma necessidade de estar longe, de estar fora de um lugar determinado, que deveria nos pertencer, mas não pertence” (VIDAL, 2009, p.58). Luci é seu espelho³: “[...] diante desse espelho novo começo a achar

² Compreendida como: “aquela na qual se localizam os indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou à norma exigida” (FOUCAULT, 2001, p. 416).

³ O espelho para Foucault é utopia e heterotopia, pois “funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao

que estou no caminho certo, que estar ali faz sentido, que minhas leituras caminham para algum lugar” (VIDAL, 2009, p. 55). Se a protagonista não consegue incorporar-se ao ambiente e estabelecer com ele uma relação mútua de pertencimento, não consegue existir.

Não voltei à salinha justamente porque tenho certeza de que Luci não vai estar lá. Constato que a presença dela me fazia avançar mesmo sem saber para onde. Era como se ela fosse uma espécie de prova de que o que vim fazer ali não é um completo absurdo, já que existia outra pessoa naquele buraco pulgento, no subsolo do Rolfe Hall, que viera do outro lado do mundo para fazer algo parecido (VIDAL, 2009, p. 83).

Ao sentir a ausência de Luci, a protagonista vivencia outra desconexão. O seu “estar no mundo” parece vazio, a não ser que possa ser compartilhado com alguém. Para dizer o que houve, o eu narrativo necessita do seu espelho, neste contexto de memória relacional, necessita da sua testemunha, Luci. A presença da amiga é necessária para reconhecer sua identidade provisória inclusive para afirmar seu pertencimento nacional. Luci escreve referindo-se à protagonista: “[...] *brazileira, como tú*” (VIDAL, 2009, p. 121). O contentamento deslumbrado frente à cidade sedutora cede lugar para a cidade que também desaparece: “[...] Dá uma sensação de estarmos fora do tempo, de eternidade, uma sensação de onipotência que tem seu contraponto no terror de que um dia a cidade possa sumir do mapa” (VIDAL, 2009, p.56). Manifesta o conflito gerado por estar tão intensamente centrada em si mesma e em suas próprias necessidades de acolhimento, sendo que Luci reclama que a narradora não consegue colocar-se em seu lugar, no caso, no lugar da amiga: “Não é apenas um

mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que a imagem é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe” (FOUCAULT, 2001, p. 415).

detalhe, insiste. É tudo parte da mesma coisa, de uma mesma incapacidade, acusa, de me colocar no lugar dela” (VIDAL, p. 120).

Sua condição de mulher em busca de pertencimento ao seu próprio corpo e ao corpo da cidade é representada a partir de uma posição de fragilidade, inadequação, invisibilidade e desvio: “[...] meu desejo é ficar ali a espera de que alguém venha me socorrer. Mas quem? Quem vai me enxergar da velocidade de seu carro”? (VIDAL, 2009, p.39).

A passividade é rompida subitamente com a ideia de comprar uma planta, mas “[...] só faria sentido se conseguisse recuperar a casa de sua indiferença com algo de que é preciso cuidar, algo mais que um objeto, que poderá eventualmente denunciar seu abandono” (VIDAL, 2009, p. 72). Sua situação pode ser comparada com a da planta, ambas necessitam de atenção e cuidado. O efeito não foi o desejado, pois a planta acaba sendo esquecida.

Em contraponto a Luci, seu namorado M é representado como uma unidade autônoma. Independente dela e do espaço externo, ele refugia-se no apartamento que organiza, fecha e afasta-se. Sua subjetividade é expressa como a de quem está protegido e seguro em sua própria individualidade. De repente, informa-a de que irá voltar ao Rio de Janeiro antes dela:

M viajou numa manhã ensolarada de novembro. Decidiu partir abruptamente. Preciso ir embora, disse dez dias antes, com a certeza de uma decisão refletida por muito tempo. Levei-o ao aeroporto... sabendo que se a cena fosse outra, não seria eu; que se ao entrar no apartamento, não sentisse a ausência dele como uma massa de ar comprimindo tudo, não seria eu (VIDAL, 2009, p 101).

3 CONEXÕES: A MEMÓRIA AFETIVA, AS CIDADES E SUAS LÍNGUAS

A utopia do encontro de um lugar de conexão, em que sua existência faça sentido é buscada inclusive nas lembranças, na memória do corpo da mãe. Busca de volta a sensação de pertencimento: “Lembro-me da minha mãe e me

acalmo [...] queria encontrar um caminho na cidade que se correspondesse com aquela voz” (VIDAL, 2009, p. 40). A lembrança da voz de sua mãe remete à proteção que ela também busca na representação da cidade.

Mais algumas dezenas de metros e já tenho a certeza de estar colocando a mim mesma num desafio inútil, personificando a cidade, transformando-a num ser que preciso conquistar, fixando-a na imagem de um modo de vida ao qual eu deveria resistir, apesar de admitir que sou totalmente capaz de me adaptar a ele.[...] é muito fácil fazer parte, instalada numa rotina cronometrada, de repente me sinto impelida a me contrapor através dessa luta corporal que se tornou a caminhada em direção ao Getty Center; uma luta que vou perder [...] a cada passo desanimado mais um pouco, não tanto pelo caminho percorrido, mas por sentir que tudo à minha volta me é hostil. (VIDAL, 2009, p. 39).

A cidade representa agora um outro hostil. Na ânsia por algum vínculo familiar e frente a uma situação de emergência, a protagonista chama um médico que, ao chegar em seu apartamento em Los Angeles, apresenta-se com o sobrenome Vidal, idêntico ao seu. Imediatamente, pergunta sobre a sua nacionalidade:

Desconfio de que alguém é argentino. É uma idiotice. Sinto-me como alguém que não pode deixar de abordar seu ídolo, mesmo sabendo do ridículo de fazê-lo. Que significado tem isso? Que significado tem isso sobretudo para mim, que nem sequer sou argentina, mas filha de uma argentina expatriada? (VIDAL, 2009, p.49).

A narradora, mesmo ansiando por encontrar um compatriota, questiona seu próprio interesse por um vínculo pátrio, sobretudo, a sua necessidade de buscar um elo identitário com sua terra natal. Ao tentar compreender o sentido de tal necessidade, frustra-se ao perceber que as pessoas do local, além de não expressarem vontade de acolhê-la, nem de averiguar sobre seu local de origem,

tampouco estabelecem laços afetivos simulados, ou seja, não há acolhimento nem sua simulação.

Ao questionar-se a respeito do sentido de estar ali, faz uma alusão ao sonho americano⁴. Esse sonho é uma fantasia de felicidade relacionada a um espaço geográfico, desconectada com o mundo concreto, material. Ao escrever aos amigos, tudo soa falso, como se estivesse tentando inventar uma realidade mais feliz, mais acolhedora:

A desconexão permanece. Escrevo e-mails a amigos contando acontecimentos, mas tudo soa falso. Após de cada frase, há uma pergunta que eu mesma não consigo responder. Um ponto de interrogação no final de todas as sentenças seria o mais apropriado; ou um desenho abstrato: uma linha reta que em algum momento se transforma numa espiral até formar o desenho de duas letras de cabeça para baixo (VIDAL, 2009, p. 23).

Seu presente está sobrecarregado de ausências. A busca por resgate e refúgio fica evidente em suas escolhas lexicais: “[...] um conhecido do Brasil diz: vou aí agora mesmo pegar vocês. O resgate nunca chega” (VIDAL, 2009, p. 22). Em Los Angeles, fica evidente que o desejo de conquistar a cidade aos poucos se dissipa como uma névoa. O que permanece é sua solidão, sua incapacidade de estabelecer laços afetivos significativos que acabam por gerar também seu isolamento, permeado pela sensação de não-pertencimento à cidade. Ao assistir as notícias sobre os abusos de poder cometidos na guerra no Iraque, ela diz: “Preciso falar sobre isso com alguém, com um americano, que talvez possa romper a cápsula de desprezo em que estou enfiada” (VIDAL, 2009, p.62).

⁴ O sonho americano refere-se à crença na coragem, persistência e determinação pessoal, focada no idealismo. É derivada da tradição puritana, do mito de uma sociedade igualitária na América, baseada em princípios morais, religiosos e no desejo de progresso econômico.

Ao voltar para o Rio, o foco narrativo passa a ser a descoberta dos desafios da maternidade, as mudanças em seu corpo, permanecendo a sua sensação de inadequação e solidão. Continua deslocada em relação ao espaço-corpo que está mudando com a gravidez. Ao falar das sensações provocadas, menciona “Interioridade e exterioridade agora se misturam” (VIDAL, 2009, p. 134). A inadequação em relação ao ambiente amplia-se em relação ao seu próprio corpo, que se modifica e também representa estranhamento. Quando anda pela cidade, constata: “Ela [a cidade do Rio] não exigia nada de mim. Não queria nada de novo. Era eu quem buscava nela uma justificativa para a inadequação do retorno” (VIDAL, 2009, p. 127).

A protagonista conclui que a sensação de não-pertencimento parte do seu interior: “O distanciamento que sentia em relação ao apartamento que havíamos alugado [...] não se estendia à cidade, mas eu insistia em transferir a sensação do interior para o exterior” (VIDAL, 2009, p. 126). Não importa a cidade em que estiver, o conflito interno permanece, pois, sua “realidade” interior não encontra respaldo no mundo externo, sua subjetividade é alheia ao seu presente.

A língua assume um papel fundamental na questão do não-pertencimento e exclusão da protagonista. “Se depender de Los Angeles, nosso inglês permanecerá eternamente como é: uma língua básica, latinizada, de passagem” (VIDAL, 2009, p.21). A integração da protagonista em relação às cidades é precária, assim também a língua é percebida como uma barreira intransponível, marca de exclusão. De volta ao Brasil, na posição de mãe, lembra da sua infância e reflete sobre o modo como encara o contato com a língua espanhola na educação linguística de seu filho, chamado de C:

Desde criança ouvia minha mãe contar que houve um momento, entre meus dois e três anos, que eu tinha ficado de tal forma dividida entre o espanhol e o português que parara de falar. Os coleguinhas zombavam; a professora estava alarmada; mas minha mãe resistia e

continuava falando comigo na sua língua. Eu não queria correr riscos em nome do bilinguismo. Se algum dia C quisesse, ele aprenderia a falar espanhol. Agora era a vez do português (VIDAL, 2009, p. 162).

A mistura linguística é vista de forma negativa. Mas aparece também como um espaço de intersecção: quando M, seu companheiro, volta ao Rio de Janeiro, antes dela e sozinho, ela sente que “precisa dizer sua solidão em inglês” (VIDAL, 2009, p. 103). Nesse contexto, a necessidade de expressar-se em inglês é uma forma de associação linguística a um espaço geográfico: a separação acontecera nos Estados Unidos, em um ambiente em que a língua predominante é o inglês, portanto, associar os acontecimentos com a língua representa uma conexão entre a organização da experiência vivida e a língua contextual.

Em Los Angeles, ao observar as crianças brincando na rua, constatara que a mistura de línguas faz parte da sedução da cidade: “A interferência ocasional da outra língua faz parte da sedução. Um dos meninos diz “*tu fuiste, tu fuiste*” e elas riem, respondendo em inglês com desaforo” (VIDAL, 2009, p. 28). O contato com o outro, com a língua estrangeira, o destaque do novo, do diferente, do exótico também atraem. O novo em questão engloba a experiência de diáspora. Hall (2002) menciona-a como legítima experiência pós-moderna e destaca o medo gerado pela perda de referência, que também pode ser representada pela língua. Mudar, inovar, experimentar partir para outro lugar são marcas de desejo do nosso tempo que implicam em perdas. Por outro lado, estar preso a um lugar com o qual não é possível estabelecer relações de pertencimento é uma experiência altamente frustrante e coercitiva. É tornar-se um fantasma, ser invisível, é desaparecer, sensação representada na narrativa de Vidal. Hall descreve o sonho do exilado como o retorno a uma “conexão orgânica”, o que está relacionado ao desejo pela busca de sentido, pela conexão perdida, pela não aceitação da imposição liberal e capitalista que pressupõe empenho individual e competição em detrimento de qualquer ligação afetiva.

Assim como expressar sua solidão em inglês é um modo de registrar a interferência desta língua em sua história, manter a língua materna, a língua de sua infância, é uma forma de não desaparecer. Na psicanálise, Kristeva (1994, p.21) afirma que “o tempo, ao destruir os objetos que amamos, cria um desejo de retorno que é uma compulsão por repetição, elemento estrutural da psique humana. Voltar ao Rio de Janeiro também representa retornar para a língua portuguesa, assim como voltar para Buenos Aires representa esse desejo de retorno às origens, ao país da mãe e ao espanhol. Voltar é uma forma de tentar recuperar a conexão com o espaço externo que se perdeu. É atingir o tempo que se foi através do espaço. Quando esquecemos de algo, devemos voltar pelo mesmo caminho que percorremos para chegar ao ponto em que ainda éramos capazes de lembrar. Espaço e tempo estão assim conectados. Voltar à terra de origem na narrativa de Vidal é uma forma de buscar novamente um sentido, uma conexão com um espaço para conseguir, a partir daí, reelaborar a experiência vivida e seguir em frente.

4 CONCLUSÃO

Apesar de constantemente “conectados” em ambientes virtuais, vivemos, em geral, física e geograficamente desconectados, o que nos impele a uma constante insatisfação, a uma busca por um lugar que está sempre além no horizonte. Nesse sentido, há uma identificação com o romance que promove uma reflexão sobre as implicações da necessidade de conexão com o mundo exterior, sempre em transformação e em movimento.

Ao refletir sobre os lugares em que esteve, a protagonista sobrepõe um ao outro, como se sua memória referencial dependesse da constante conexão da sua individualidade com o espaço externo ao corpo: “Agora, andando por lugares aos quais tantas vezes fazia referência, é como se visse tudo espelhado: de um lado, Buenos Aires, do outro, o Rio, complementares, uma inexistente

sem a outra” (VIDAL, 2009, p. 167-168). Sua memória projeta sobre o espaço as lembranças de outros lugares como fantasmas que a acompanham, pois o espaço é desviante, múltiplo, permeado pelo passado e pelas projeções de futuro. Segundo Lotman, “a fronteira da individualidade é uma fronteira semiótica” (2016, p. 253), portanto, está relacionada à percepção e inserção em espaços sociais.

A situação de ser uma moradora provisória em diversas cidades carrega a ideia de necessidade de passagem para outro lugar, o que está simbolicamente associado ao ultrapassar a fronteira identitária na tentativa de reatar um laço imaginário a um espaço antigo e também novo, um porvir, sempre além, em constante migração e tentativa de integração. Como sujeito desse processo de transformação, sua identidade é múltipla e relacionada ao espaço que ocupa provisoriamente.

A protagonista apresenta sua necessidade de ter um lugar de acolhimento, de incorporá-lo à sua identidade para torná-lo um espaço de pertencimento, em um processo de redimensionamento de sua identidade associada ao espaço que ocupa. No entanto, o território como um espaço-corpo desejado permanece inatingível. “Porque se me perguntassem se gosto da cidade, não saberia o que responder e, assim, ela nunca seria minha” (VIDAL, 2009, p.122). Nesse contexto, pertencimento exige afetividade.

A cidade é essencialmente a mesma, espalhada, desordenada; nos montes, as casas com jardim e piscina; descendo em direção ao sul, longe da praia, onde moram os mexicanos, os negros e; mais recentemente, os asiáticos, o abandono. “Los Angeles, dê-me um pouco de você! Los Angeles, venha a mim do jeito que eu vim a você” (VIDAL, 2009, p.91-92).

Portanto, a cidade, na obra, é compreendida como um conjunto de signos que compõem uma identidade espacial. As percepções em relação às cidades

descritas na narrativa são o resultado de inquietudes e desejos da protagonista, são discurso e imagem. Sua amiga Luci e sua vivência com M forjam sua identidade, sua percepção sobre si mesma, sua subjetividade passa, assim, pelos caminhos do imaginário e pelo contato com o outro, seja ele espaço geográfico ou corpo.

Outrossim, a língua é também compreendida como o espaço em que o sujeito cria sua existência. É o que a protagonista possui para expressar o desejo de conexão em um universo de inconstâncias. Incapaz de alcançar o território almejado, alcança a sua projeção em movimento ao realizar um mapeamento imaginário e afetivo das cidades de sua memória.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 149-168.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Ditos e Escritos III).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. *Da diáspora – identidades e mediações*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOTMAN, Iuri. O conceito de fronteira. In: BORGES FILHO, Oziris. *O espaço literário: textos teóricos*. Uberaba (MG): Ribeirão Gráfica e Editora, 2016, p. 243-258.

VIDAL, Paloma. *Algum Lugar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

Recebido em 14/02/2020. Aceito em 04/11/2020.